

Seis são as tribos que usam do “bombalon” — tambor falante — que muito lembra os trocanos dos indígenas da Amazônia, é o que nos diz W. A. Wilson em “Talking drums in Guiné” (págs. 199-222). Seu uso mais freqüente é para anunciar nascimentos, mortes e o chamado às armas. O autor nos dá uma descrição pormenorizada do aparelho, do método de transmissão e dos tipos de sinais. Estudo metucioso, merece particular atenção dos lingüistas.

O professor Antônio de Almeida realizou viagem de estudos a fim de levantar, com exatidão, os nomes dos povos da região, procurando usar, na medida do possível, a ortografia fonética. Um dos resultados foi o presente trabalho: “Sôbre a etnônimia das populações da Guiné Portuguesa” (págs. 223-240). Assim estuda os seguintes patronímicos: Felupes, Baiotos, Banhuns, Cassangos, Manjacos, Brames — ou Macanhas — Balantas, Biafadas, Mandingas, Fulas, Nalus, Bijagós, Sossos.

De alguns textos do livro depreende-se que a administração portuguesa procura, de maneira drástica, intervir nas práticas dos nativos. Esta atitude confirma que o europeu vem tratando a “questão social” da África como simples “questão colonial”, sem levar em conta a maioria numérica da população negra, o que bem pode levar a uma degradação dos valores culturais nativos.

Com esta coletânea, o Ministério do Ultramar continua a tarefa que se propôs realizar: cobrir as lacunas existentes no que diz respeito aos estudos sôbre os povos das províncias ultramarinas, enriquecendo assim a bibliografia etnográfica.

Erasmu d'Almeida Magalhães

*

HORST HARTMANN: *George Catlin und Balduin Möllhausen: zwei Interpreten der Indianer des Alten Westens*. 156 págs., ilustrado. Baessler-Archiv, Beiträge zur Völkerkunde, herausgegeben im Auftrage des Museums für Völkerkunde Berlin, Neue Folge, Beiheft 3. Berlim, 1963.

Dentre os numerosos cronistas e viajantes que, desde a descoberta, visitaram territórios indígenas dos Estados Unidos, perpetuando com pincel e tinta a impressão que a paisagem e o homem do Nôvo Mundo lhes causara, Horst Hartmann selecionou um americano e um alemão para analisar criticamente suas contribuições para o conhecimento do índio americano no século XIX. Uma das razões que determinaram a escolha de George Catlin (1796-1872) e Balduin Möllhausen (1825-1905) foi o fato de o Museu de Berlim possuir grande parte das obras originais dêstes viajantes, acessíveis portanto ao estudo pormenorizado do autor; além disso, Horst Hartmann salienta o interesse despertado ultimamente nos Estados Unidos pelo estudo e publicação do material pictórico relativo a índios americanos, e de sua valorização como documentos de uma época em que o contacto com a civilização não produzira ainda todos os resultados que conhecemos.

A bibliografia sôbre George Catlin é bastante volumosa, em parte porque suas obras fornecem fartas possibilidades de discussão. O autor do presente trabalho procura reconstruir a movimentada vida do pintor, que percorreu de 1830 a 1836 as regiões situadas a oeste do Mississippi, caracterizando-o como arguto observador, retratista objetivo, embora influenciado por concepções errôneas, vigentes na época, relativas ao índio. Em *Letters and notes on the manners, customs, and condition of*

the North American Indian (1841), o viajante-pintor publica suas observações, enquanto organiza grandes mostras de seus quadros e de material etnográfico nos Estados Unidos e na Europa, familiarizando milhares de pessoas com o habitat e o índio americanos. Após uma apreciação de Catlin como artista e como observador de costumes estranhos, Hartmann apresenta e descreve 10 quadros existentes no Museu de Berlim, que, em sua maioria, retratam conhecidos personagens indígenas da história americana.

Balduin Möllhausen, popular pelos seus romances indianistas publicados entre 1860 e 1905, é analisado por Hartmann segundo os mesmos moldes. Não podendo ser equiparado a alguns de seus contemporâneos, apresenta entretanto grandes méritos, que residem principalmente no fato de ter descrito e pintado grupos que nessa época ainda eram pouco conhecidos, como os Mohave, Paiute, Yuma e outras populações do Colorado. Hartmann descreve 33 dos quadros do pintor-romancista, dos quais 27 foram destruídos durante a última guerra. Devido à feliz circunstância de existirem no Museu pranchas fotográficas das obras perdidas, a coleção pôde ser apresentada, e o autor reproduz 27 aquarelas de Möllhausen.

No final da obra se encontra uma rápida consideração dos precursores e contemporâneos de Catlin e Möllhausen, e de artistas posteriores, fornecendo assim um pequeno panorama crítico da pintura indigenista norte-americana. Uma farta bibliografia acompanha o texto.

Tendo em vista a importância da documentação iconográfica para os estudos etnológicos, aplaudimos a iniciativa de Horst Hartmann, compartilhando da esperança, por ele expressa nas últimas linhas de seu trabalho, de que os autores americanos em breve publiquem uma história compreensiva da pintura indianista, já que dispõem de rico material. Também à editôra um voto de louvor por acolher a publicação de obras deste gênero.

Thekla Hartmann

*

HANS STADEN: *Zwei Reisen nach Brasilien*. Editado por Karl Fouquet. 198 págs., com ilustrações. Trautvetter & Fischer Nachf. Marburgo, 1963.

A "Verdadeira História" de Hans Staden, o primeiro livro que se publicou sobre o nosso país, é também o mais famoso de quantos tratam do Brasil antigo. Orçam por oitenta as diferentes edições que dela se fizeram, em muitas línguas, desde a *princeps*, de 1557. Durante séculos era em primeiro lugar o interesse pelas coisas estranhas e exóticas que lhe garantia constantes leitores. Hoje se acentua cada vez mais o seu valor como fonte de informações para a ciência: historiadores, geógrafos, lingüistas e sobretudo etnólogos encontram na obra elementos preciosos para os seus trabalhos.

No Brasil ficou ignorada por muito tempo. Saiu pela primeira vez em língua portuguesa no ano de 1892, traduzida por Alencar Araripe; em 1900 seguiu-se uma tradução de Alberto Löfgren, mais tarde revista e anotada por Teodoro Sampaio (1930). A mais correta é a de Guiomar de Carvalho Franco (1942), baseada na transcrição em alemão moderno por Carlos Fouquet. Mas quem mais contribuiu para tornar conhecidas entre nós as aventuras do arcabuzeiro quinhentista aprisionado pelos Tupinambá foi Monteiro Lobato. Além de editar o texto "ordenado literariamente" (várias vezes reimpresso desde 1925), teve a idéia de transformar a narrativa em livro infantil, que logrou extraordinária aceitação entre as crianças de todo o país. Carlos Fouquet tam-